

## APRESENTAÇÃO

Este número da Revista Cerrados foi especialmente idealizado e concebido como uma forma de celebrar os 100 anos da escritora Clarice Lispector, que nasceu no dia 10 de dezembro de 1920. A nossa escolha editorial está circunscrita no campo interartes, afinal, a autora, desde o seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem* (1943), compunha como quem criava cenas, esculpia ou pintava e, ao mesmo tempo, deixava-se conduzir pela prosa poética, na qual os seus escritos ganham ritmos e tons melódicos, ora descompassados, ora calmos e íntimos, mas sempre imersos em profundidades subjetivas, filosóficas e existenciais.

No campo teatral, Clarice Lispector publicou apenas uma “tragédia tipo Idade Média”, “A Pecadora Queimada e os Anjos Harmoniosos” (1946), que condensa várias características estilísticas da romancista, contista e cronista. No entanto, em entrevista a Affonso Romano de Santana e Marina Colasanti, a escritora conta que escreveu uma peça aos nove anos de idade, revelando essa faceta – diríamos – cênica, que não se desenvolve na produção dramática, mas que atravessa a sua criação literária; desde o primeiro romance *Perto do Coração Selvagem* (1943), cenas teatrais ou cinematográficas podem ser percebidas por um leitor mais atento e especialista.

A primeira adaptação da obra clariceana para os palcos de grande repercussão crítica e de público recebeu o título homônimo desse primeiro romance, tendo sido dirigida por Fauzi Arap (1938-2013), o qual assinou também o “roteiro” teatral – de acordo com os registros fotográficos, trata-se do único espetáculo realizado e assistido pela escritora, que, inclusive, acompanhou um dos ensaios. O exercício com a dramaturgia se revelou ainda no percurso de Clarice Lispector como tradutora, já que traduziu para o português clássicos do teatro mundial: *Hedda Gabler*, de Henrik Ibsen; *Sotoba Komachi* e *O tambor de Damasco*, ambas de Yukio Mishima; *The member of the wedding*, de Carson MacCullers; *Os Corruptos*, de Lillian Hellman; *A casa de Bernarda Alba*, de Federico Garcia Lorca.

Por volta de 1975, Clarice também se dedicou, como assumido passatempo, à pintura. Recentemente, os livros de Clarice Lispector ganharam nova edição (Editora Rocco) em que fragmentos dessas pinturas foram utilizados nas capas dos livros, cujo projeto gráfico foi assinado por Victor Burton. A escolha dos fragmentos busca, obviamente, estabelecer relações com cada um dos livros reeditados, o que demarca o trânsito da autora com as artes plásticas no processo de criação de suas narrativas.

A música é outra expressão constante nos seus escritos, o que demonstra não somente admiração, mas conhecimento de um universo musical eclético, com o qual dialoga não apenas do ponto de vista da citação, mas da própria criação. A prosa poética clariceana ganha contornos melódicos e ainda provocam deslizamento envolvente na leitura. O movimento sinuoso de sua escrita, com altos e baixos, rapidez ou silêncios, prossegue motivando estudos, pesquisas e espetáculos musicais. A presença de textos de Clarice Lispector em shows e vinis de Maria Bethânia, por exemplo, soma-se à sonoridade das músicas e da capacidade interpretativa e performática da cantora. Sabe-se que trechos de *Água Viva* (1973) e de *A Hora da Estrela* (1977) primeiro ganharam os palcos para depois merecerem versões impressas. Para o espetáculo “A Hora da Estrela” (1984), Caetano Veloso compôs canções inspiradas na novela homônima; Cazusa e Frejat compuseram “Que o Deus Venha” a partir de trechos de *Água viva* e, no início deste ano (2020), estreou o musical “O Canto de Macabeá”, com a atriz-cantora Laila Garin e com composições de Chico César.

Sublinhamos, portanto, o percurso híbrido de uma autora inquieta e performática, que se desdobrou em dramaturga, pintora, tradutora, jornalista. Figura intuitiva e inspiradora, Clarice ganhou e ainda ganha a

atenção de novos pesquisadores, encenadores, cineastas, artistas plásticos, músicos e compositores a partir de instigantes enfoques e desafiadoras releituras.

Para concluir, convidamos você, leitor/a, a celebrar o centenário de Clarice Lispector com a leitura deste dossiê, que reúne artigos, uma resenha crítica e uma entrevista com a pesquisadora e professora Nádia Battella Gotlib, que publicou, dentre outros livros de crítica e teoria literária, a biografia *Clarice: uma vida que se conta* (1995) e *Clarice: fotobiografia* (2008). Agradecemos ao Prof. Dr. Marcus Mota que disponibilizou as partituras do projeto “Clariceanas”, as quais podem ser apreciadas na última seção deste número. Nosso agradecimento também à artista plástica Terezinha Losada, que nos cedeu as ilustrações inspiradas na obra de Clarice Lispector para as divisões internas deste número, e ao artista plástico Paulo Govêa, que nos autorizou a utilizar a pintura “Somando Incompreensões”, capa deste dossiê da Revista *Cerrados*.

André Luís Gomes  
Universidade de Brasília – Brasil

Carlos Mendes de Sousa  
Universidade do Minho – Portugal